



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



A ARQUITETURA ACIONAL DAS QUESTÕES DO ENEM: TEORIA DOS ATOS DE FALA EM FOCO

Jaqueline dos Santos Nascimento [i]

Leilane Ramos da Silva (Orientadora) [ii]

EIXO TEMÁTICO 15: Estudos da linguagem

RESUMO

A par da máxima acional "dizer é fazer", segundo a qual o locutor, por meio de estratégia linguística, pode determinar o sentido do que está sendo dito, visando influenciar o comportamento do receptor, este estudo tem como objetivo analisar a arquitetura acional dos atos de fala das questões que integram a prova de língua portuguesa, da área de *Linguagem, códigos e suas tecnologias* do exame nacional do Ensino Médio (ENEM) 2011. A análise realizada aponta a ocorrência de atos de fala *diretivos* e atos *assertivo-diretivos* que estão correlacionados a um *macroato* (VAN DIJK, 1992) cujo propósito é fazer o candidato realizar uma ação.

Palavras-chaves: Atos de Fala. Classificação. ENEM.

RÉSUMÉ

Au courant de la maxime actionnelle "dire c'est faire", selon laquelle le locuteur, par la stratégie linguistique, peut déterminer le sens de ce qui est dit tout en envisageant influencer sur le comportement du récepteur. Cette étude a le but d'analyser l'architecture actionnelle des actes de parole trouvés dans les questions de l'examen de langue portugaise, du domaine *langage, codes et leurs technologies* de l'Examen National du Secondaire[iii] 2011. L'analyse réalisée montre l'occurrence des actes de parole directifs et actes affirmatifs-directifs concernés le macro-acte (VAN DIJK, 1992) dont son intention est de faire le candidat à réaliser une action.

Mots-clés : actes de parole, classement, ENS (BAC)

1. Introdução

Ao conceber a linguagem como uma forma de ação, a Teoria dos Atos de Fala (TAF) nos faz refletir sobre a

capacidade que o homem tem de agir por meio da linguagem. Dessa forma, compreendemos que saber as regras de gramática e/ou conhecer o léxico não é suficiente para a interpretação de um discurso, pois o locutor por meio de estratégia linguística pode determinar o sentido do que está sendo dito, visando influenciar o comportamento do receptor. A depender da forma pela qual emitimos uma proposição, empregamos diferentes forças que serão compreendidas e assimiladas pelo interlocutor. Podemos fazer um pedido ou ordenar, insinuar ou afirmar, por exemplo, e a diferenciação de cada um desses atos será compreendida pelo interlocutor, de modo a possibilitar os entendimentos, os acordos e mesmo os desentendimentos e/ou desacordos.

À luz dessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar os atos de fala das questões que integram a prova de língua portuguesa, incursa na área de *Linguagem, códigos e suas tecnologias* do exame nacional do Ensino Médio (ENEM) 2011. Mais especificamente, a análise se centra na identificação do tipo de ato veiculado nas questões 96 a 115 da área de *Linguagem, código e suas tecnologias* do ENEM 2011 prova amarela, a partir da consideração de princípios da tipologia de atos ilocucionários de Searle (1969, 2002), para quem os atos se dividem em: *assertivos, diretivos, expressivos, compromissivos e declarativos*, e da classificação descrita em Van Dijk (1992), segundo o qual os atos de fala devem ser tratados de forma sequenciada, dada existência de um ato global, que se distribui em dois tipos distintos: ato de fala *subordinado* e ato de fala *superordenado*.

2 A teoria dos atos de fala (TAF)

A perspectiva adotada põe em evidência a máxima clássica “dizer é fazer”, que nos faz refletir sobre a linguagem como forma de ação. Assim, reconhecemos que podemos agir por meio da linguagem e que, a depender da forma pela qual expressamos algo, influenciamos na assimilação do interlocutor. É por meio da linguagem que persuadimos e convencemos as pessoas. É também por meio da linguagem que pedimos, ordenamos, prometemos, nos desculpamos, enfim, agimos por meio da linguagem. Essa concepção tem como base teórica a Teoria dos Atos de Fala (TAF), proposta pelo filósofo inglês John Austin (1962).

Para a TAF, o texto oral ou escrito consiste na realização de um *ato locucionário*, de um *ato ilocucionário*, e de um *ato perlocucionário*. O *ato locucionário* consiste na emissão de um falante de acordo com as regras de uma língua. O *ato ilocucionário* está ligado à determinada força que o falante atribui à emissão, com o objetivo de influenciar o comportamento do interlocutor. E o *ato perlocucionário* está relacionado aos efeitos produzidos no interlocutor.

Assim, para todo ato locucionário (emissão de acordo com regras de uma língua), temos uma força ilocucionária (“direcionamento” dado para a compreensão de uma emissão, como queremos ser entendidos). Para tal ocorrência, Searle (1969, 2002) nos apresenta a seguinte fórmula **F(p)**, **F** é a força (ordem, pedido, ameaça, sugestão, promessa, etc.) e **p** é a proposição.

É importante destacar que a realização de um ato não consiste na efetivação da ação proposta por ele, mas na sua emissão enquanto ato. Dessa forma, temos que um pedido é um ato mesmo antes de ser atendido, ou seja, há uma autonomia do ato em relação ao efeito perlocucionário. Como nos lembra Mari,

“essa autonomia (relativa) implica dizer que um ato não requer como condição de sua existência, uma troca de turno, embora possa admiti-la, numa dimensão contingente de ajustamento de alguma de suas condições e para casos específicos.” (MARI, 2001, p. 95)

Assim, “o efeito perlocucional não influencia em nada no sucesso do ato de linguagem.” (CHABROL, 2001, p.135), o efeito perlocucional influencia na condição de satisfação – noção introduzida por Vanderveken (1988) para dar conta do efeito perlocucional.

Apresentadas algumas considerações a respeito da TAF, vamos à classificação proposta por Austin (1962),

a proposta por Searle (1969, 2002) e a abordagem de Van Dijk (1992).

2.1 A classificação de Austin (1962)

O mentor da TAF é quem primeiro desenvolve uma classificação dos atos ilocucionários, estabelecendo cinco tipos: vereditivos, exercitivos, compromissivos, expositivos e comportativos. Apresentando de forma resumida, temos: i) vereditivos: "consistem na pronúncia de um veredito, oficial ou não-oficial, sobre a evidência ou as razões relativas a valor ou fato, tanto quanto estes se possam distinguir."; ii) exercitivos: "consistem em proferir uma decisão favorável ou desfavorável a certa linha de ação ou advogá-la..."; iii) compromissivos: consiste em comprometer o locutor com uma linha de ação; iv) expositivos: "ligados a atos de exposição envolvendo a explanação de concepções, a condução de argumentos e o esclarecimento de usos e referências."; v) comportativos: relativos ao comportamento e à sorte de outra pessoa diante da conduta passada ou iminente de alguém.

Essa classificação serviu como base para outras classificações propostas por estudiosos, porém para o nosso estudo destacamos apenas a abordagem de Van Dijk (1992) e as considerações teóricas da taxonomia dos atos ilocucionários proposta por Searle (1969, 2002), a qual destacamos a seguir.

2.2 A classificação de Searle (1969, 2002)

Searle busca desenvolver uma classificação arrazoada dos atos ilocucionários levando em conta a classificação austiniana, para isso propõe uma avaliação dessa classificação tentando estabelecer limites quanto à sua adequação e destaca alguns problemas na classificação austiniana. Conforme o teórico, as categorias estabelecidas por Austin servem "... mais como uma base para discussão do que como um conjunto de resultados estabelecidos." (SEARLE, 2002, p. 12). Eis o resumo dos problemas da classificação de Austin feito por Searle:

"... há uma confusão persistente entre verbos e atos, nem todos os verbos são verbos ilocucionários, há sobreposição demais entre as categorias, muitos dos verbos catalogados nas categorias não satisfazem a definição dada para a categoria, e o que é mais importante, não há princípio consistente de classificação." (SEARLE, 2002, p. 18)

Searle elabora doze dimensões significativas de variação como forma de distinção dos atos ilocucionários, pois nos afirma que "... há diferentes espécies de diferenças que nos permitem dizer que a força dessa emissão é diferente da força daquela emissão." (SEARLE 2002, p. 2-3). Embora ele aponte doze dimensões para a distinção dos atos ilocucionários, sua classificação toma como base apenas os três aspectos:

- a. O propósito ilocucionário: que está ligado à pretensão que o falante tem ao emitir determinado enunciado. O propósito de um pedido, por exemplo, é fazer que o ouvinte realize algo.
- b. A direção do ajuste entre as palavras e o mundo: ligado às relações com o mundo estabelecidas pelas palavras, por exemplo, ao fazer um pedido, o locutor quer fazer com que o mundo corresponda às palavras proferidas, nesse caso temos a direção do ajuste para pedido mundo-palavra. Observamos que um ato de fala, emitido via palavras, pode se tornar realidade.
- c. Estado psicológico expresso relacionado à atitude, a um estado que o falante expressa ao realizar qualquer ato ilocucionário. Por exemplo, quem promete fazer algo, expressa a intenção de fazer algo. Searle destaca que o estado psicológico expresso em um ato ilocucionário é a condição de sinceridade de um ato.

Dada a base para a classificação de Searle, vamos à própria taxonomia, que, ao ser apresentada, também é relacionada à de Austin. As categorias básicas dos atos ilocucionários propostos por Searle são: assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos e declarações.

Os *assertivos* comprometem o falante com a verdade expressa, sendo os membros dessa classe avaliados como verdadeiro e falso. A direção do ajuste do ato é palavra-mundo e o estado psicológico expresso é a crença (que p).

Na segunda classe, temos os *diretivos*, cujo propósito ilocucionário consiste nas tentativas do falante de levar o ouvinte a fazer algo. A direção do ajuste dessa categoria é o mundo-palavra e a condição de sinceridade é a vontade (ou desejo). Searle apresenta como uma subclasse dos diretivos as perguntas, pois ao fazer uma pergunta o falante tenta levar o ouvinte a responder algo, ou seja, a realizar um ato de fala.

Na classe dos *compromissivos*, Searle apropria-se da definição estabelecida por Austin, destacando apenas que alguns verbos englobados nessa classe não pertencem a ela, por exemplo, *shall* (haver de), *intend* (ter a intenção de) e *favor* (favorecer). Os compromissivos têm como propósito ilocucionário comprometer o falante com alguma linha futura de ação, isto é, que o falante realize alguma ação futura (F faz A). A direção do ajuste dessa classe é mundo-palavra e a condição de sinceridade a *intenção*.

Observamos que a direção do ajuste para os diretivos é a mesma utilizada para os compromissivos (mundo-palavra), porém o propósito ilocucionário muda, enquanto nos diretivos temos o desejo do falante em levar o ouvinte a fazer algo (O faz A), nos compromissivos o falante se compromete em fazer algo (F faz A).

A quarta classe a dos *expressivos*, que têm como propósito ilocucionário expressar um estado psicológico, não apresenta direção do ajuste, pois ao realizar um ato expressivo o falante não pretende que o mundo corresponda às palavras, nem está tentando fazer com que as palavras correspondam ao mundo, o que temos em atos deste tipo é uma verdade pressuposta.

A quinta e última classe é a das *declarações*. Esta classe, quando bem sucedida, apresenta uma correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade, o "dizer faz existir". A direção do ajuste para essa classe é tanto palavra-mundo quanto mundo-palavra, e não há condição de sinceridade.

Além dessas classificações apresentadas, surgiram outras abordagens sobre os atos de fala, dentre elas a de Van Dijk, a qual destacamos a seguir.

2.3 Abordagem de Van Dijk (1992)

Em sua abordagem, Van Dijk considera os atos de fala de forma sequenciada, isto é, os atos antecedentes estabelecem o contexto em que os atos subsequentes são avaliados. Somado a esse fato, o autor acrescenta a noção de macroato de fala ou atos de fala globais – ato global que organiza os atos individuais de um texto. Nessa perspectiva, a partir da compreensão do macroato de fala, pode-se depreender o objetivo final do enunciado.

Outra consideração feita por Van Dijk, bastante importante e que mais interessa ao nosso trabalho, é a distinção entre atos de fala *subordinado* e ato de fala *superordenado*. Este consiste no ato principal, o mais importante; aquele prepara para a realização do ato principal, ou seja, funciona como auxiliar do ato *superordenado*. Assim, segundo a abordagem de Van Dijk, os atos de fala são apresentados em sequências e por isso devem ser analisados de forma global, ou seja, devemos considerar todos os atos de fala envolvidos, o macroato de fala.

3 O corpus em análise

Como já mencionamos, nosso *corpus* consiste na prova de língua portuguesa, incursa na área de *Linguagem, códigos e suas tecnologias* do ENEM 2011.

O ENEM foi criado em 1997 pelo Ministério da Educação (MEC) do Brasil, com o propósito de avaliar um

conjunto de conhecimentos adquiridos por alunos concludentes da Educação Básica em sete áreas (língua portuguesa, química, física, biologia, história e geografia) relacionadas entre si.

Em 2009, o ENEM sofreu algumas alterações. Contendo 180 questões de múltipla escolha e uma redação, a prova passou a ser dividida em Ciências da Natureza e suas Tecnologias; e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; tendo como objetivo avaliar competências. As questões são transdisciplinar, isto é, envolvem duas ou mais disciplinas para obter a resposta. Além dessa modificação na estrutura da prova, houve mudanças em relação à utilização dessa avaliação, pois começou a ser utilizado como exame de seleção para o ingresso no ensino superior em universidades brasileiras.

Um dos fatores que contribuem no direcionamento das respostas em uma atividade e/ou avaliação é a forma como o enunciado é apresentado, pois os enunciados direcionam a compreensão. Dessa forma, estabelecemos a identificação dos tipos de atos de fala veiculados nas questões. Para tal, tomamos como base a classificação proposta por Searle (1969, 2002), com o objetivo de verificar quais os tipos de atos mais utilizados e seus respectivos funcionamentos dentro da proposta do ENEM.

4 Análise dos atos de fala

A partir da análise foram identificados dois tipos de atos de fala: atos *diretivos* e atos *assertivos*. Tomando com base a abordagem de Van Dijk (1992), ao considerar os atos de fala de forma sequenciada e ao estabelecer a noção de atos subordinados e superordenados, notamos que os atos analisados apresentam um ato principal – *ato diretivo*, e também na maioria das questões, temos um ato auxiliar – *ato assertivo*. Dessa forma, para as questões que apresentam características de dois tipos de atos (assertivos e diretivos) propomos uma nova nomenclatura tomando como base as considerações de Van Dijk (1992) e a descrição dos atos de Searle (1969,2002). Assim, classificamos os atos de fala das questões de português do ENEM em dois tipos: os *atos diretivos* e *atos assertivo-diretivos*.

Destacamos a seguir, por meio de exemplos, que tipos de atos de fala caracterizam as questões.

4.1 Atos Diretivos

Os atos diretivos apresentam três ocorrências no *corpus* analisado. Podemos justificar a presença do ato diretivo pelo fato de o propósito das questões de uma avaliação, assim como também de atividades, ser o de fazer o interlocutor realizar uma ação, responder à questão proposta, e a maneira utilizada para se conseguir essa ação é por meio de uma ordem, de um pedido, de um despertar de linha de ação futura pelo outro.

Com relação à direção do ajuste dos atos diretivos, temos palavra-mundo, isto é, pretende-se fazer com que o mundo (responder a questão, realização de uma ação), corresponda às palavras (as questões). Apresenta o *desejo* como estado psicológico. É o que podemos observar nas questões a seguir:

1. QUESTÃO 96:

Na modernidade, o corpo foi descoberto, despido e modelado pelos exercícios físicos da moda. Novos espaços e práticas esportivas e de ginástica passaram a convocar as pessoas a modelarem seus corpos. Multiplicaram-se as academias de ginástica, as salas de musculação e o número de pessoas correndo pelas ruas.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Caderno do professor: educação física. São Paulo, 2008.

Diante do exposto, é possível perceber que houve um aumento da procura por

1. QUESTÃO 115:

No Brasil, a condição cidadã, embora dependa da leitura e da escrita, não se basta pela enunciação do direito, nem pelo domínio desses instrumentos, o que, sem dúvida, viabiliza melhor participação social. A condição cidadã depende, seguramente, da ruptura com o ciclo da pobreza, que penaliza um largo contingente populacional.

Formação de leitores e construção da cidadania, memória e presença do PROLER. Rio de Janeiro: FBN, 2008.

Ao argumentar que a aquisição das habilidades de leitura e escrita não são suficientes para garantir o exercício da cidadania, o autor

Observamos que nessas questões o ato diretivo é construído a partir da não conclusão do pensamento expresso. O ato consiste justamente na solicitação de um complemento, de uma conclusão de pensamento, funcionando como uma ordem para que se complete o enunciado de forma coerente.

4.2 Atos Assertivo-diretivos

Essa categoria apresenta dois tipos de atos em uma mesma questão (atos assertivos e atos diretivos) e teve um número maior de ocorrências (dezessete).

Com relação a essas questões, observamos que elas apresentam informações por meio de afirmações sobre o texto (personagens, assunto tratado, contexto social expresso etc.), sobre o autor do texto, ou sobre algum assunto relacionado ao texto. Por apresentarem afirmações, consideramos esse tipo de questão como ato ilocucional assertivo, pois ao afirmarmos estamos nos comprometendo com a verdade expressa, temos a *crença* (que p), características dos atos de fala assertivos. Eis o que podemos observar em:

(3) **Questão 98:** Referente ao trecho de "Grande sertão: veredas" de Guimarães Rosa.

Na passagem citada, Riobaldo expõe uma situação decorrente de uma desigualdade social típica das áreas rurais brasileiras marcadas pela concentração de terras e pela relação de dependência entre agregados e fazendeiros. No texto, destaca-se essa relação porque o personagem-narrador

(4) **Questão 101:** Referente ao trecho de "Morte e Vida Severina" e a um trecho de uma crítica.

Com base no trecho de Morte e Vida Severina (Texto I) e na análise crítica (Texto II), observa-se que a relação entre o texto poético e o contexto social a que ele faz referência aponta para um problema social expresso literariamente pela pergunta "Como então dizem quem fala/ ora a vossa senhoria". A resposta a pergunta expressa no poema é dada por meio da

Observamos que o ato assertivo introduz outro tipo, o diretivo. Essa introdução não acontece por acaso, mas funciona como preparação para o diretivo, que, por sua vez, exige uma compreensão e aceitação do assertivo apresentado, como por exemplo, na questão 98, que apresenta como ato assertivo – um resumo crítico do fragmento textual apresentado; seguido de um ato diretivo – com um questionamento a respeito da relação crítica apresentada na questão com o fragmento expresso.

Em nossa análise, observamos que a maioria das questões apresenta atos de fala mesclados (assertivos e diretivos). A respeito desse tipo de questão podemos destacar as considerações da abordagem de Van Dijk (1992), ao afirmar que em uma análise deve-se considerar o global, isto é, o macroato. Assim, em um

texto, apesar de se realizarem diversos tipos de atos, há sempre um objetivo principal a ser atingido, para o qual concorrem todos os demais. No nosso caso, o objetivo principal é o de fazer o indivíduo realizar uma ação, desse modo, podemos considerar como ato principal das questões analisadas o ato diretivo.

Adotando essa abordagem, podemos considerar que os atos assertivos são atos *subordinados* em relação ao ato *superordenado* (ato diretivo), pois os atos *subordinados* auxiliam os atos *superordenados*, ou seja, o ato assertivo introduz o ato diretivo considerado como o ato principal. Essa introdução revela uma linearidade na sequencia dos atos ilocucionais apresentados – os assertivos apresentam algo que deve ser considerado na realização do diretivo, ou seja, devemos considerar as informações ao responder às questões, pois as informações delimitam as respostas.

De acordo com a classificação que estabelecemos, as questões analisadas apresentam-se como atos ilocucionários diretivos; e atos assertivo- (afirmações) diretivos. A presença do ato diretivo está ligada ao objetivo das questões, levar a pessoa a realizar uma ação. Assim, podemos considerar o ato diretivo, presente nas questões, como o ato principal, e os atos assertivos e as declarações assertivas como atos que preparam para a realização do diretivo.

Dos 20 atos de fala identificados e classificados, obtivemos um percentual de ocorrência de 15% para os diretivos, que equivale a três ocorrências. Com um número maior de ocorrências (dezessete) temos os atos assertivo-diretivos, com um percentual de 85%.

Como podemos observar, as questões sempre apresentam o ato de fala diretivo, acompanhado ou não de um ato assertivo, confirmando o propósito do exame, que é o de fazer o aluno realizar algo, e para que isso ocorra utiliza-se de atos de fala diretivos. E, a partir das respostas dadas, há a verificação do nível de conhecimento daqueles que respondem ao exame.

Os atos expressivos, os compromissivos e as declarações não aparecem no *corpus* analisado, pois apresentam propósito ilocucionário diferente dos atos identificados. Os atos de fala expressivos revelam o estado psicológico do locutor diante de determinada situação, o que não é comum aparecer em exames. Já os atos compromissivos comprometem o locutor com uma linha de ação futura, característica não observada nas questões da prova, uma vez que o propósito destas é fazer a pessoa pensar a respeito de determinados assuntos e escolher o item que considerar mais adequado. Com relação às declarações, temos que, quando bem sucedidas, apresentam uma correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade, porém, não observamos essa peculiaridade nas questões apresentadas.

5. Considerações finais

A análise realizada aponta a ocorrência de atos diretivos em todas as questões, acompanhado ou não de um ato assertivo. É notório que os atos assertivos sempre aparecem introduzindo um ato diretivo, e mais que isso, funcionando como um suporte para o desenvolvimento do ato diretivo. De acordo com Van dijk (1992), os atos de fala são compostos, por assim dizer, de um ato global que aparece de forma sequenciada, o qual subdividi-se em ato de fala subordinado e ato de fala superordenado. Nesse estudo, percebe-se que os atos assertivos apresentam uma posição de subordinação diante do ato diretivo que funciona como ato principal, pois o comando emitido nas questões traz uma ordem após a apresentação de uma afirmação. Sendo assim, os comandos que compõem o ENEM apresentam força ilocucionária específica, levando o aluno a entender de determinada forma os enunciados das questões, que, por sua vez, proporcionam atitudes semelhantes àquelas que se pretende obter.

Considerando que o objetivo do ENEM enquanto instrumento avaliador é o de avaliar e que para se ter uma avaliação é necessário que o candidato faça algo, isto é, realize a ação de responder adequadamente às questões propostas, podemos considerar o ato diretivo como o ato *superordenado* (ato principal), sendo os atos assertivos atos *subordinados*, uma vez que introduzem o ato diretivo. Dessa forma, as questões apresentam sempre o ato diretivo devido à compatibilidade do propósito desse ato com o objetivo do

exame, que é o de fazer o candidato realizar uma ação.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BRASIL/ SEMTEC. Exame Nacional do Ensino Médio 2011 – um ensaio para a vida. 2º dia / Caderno Amarelo. Brasília / www.inep.gov.br, 2011.

CHABROL, M. Bromberg. Por uma classificação dos atos de fala. In: MARI, Hugo *et alii*. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2001. pp. 133-153.

MARI, Hugo. Atos de fala: notas sobre origens, fundamentos e estrutura. In: MARI, Hugo *et alii*. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise de Análise do Discurso, FALE / UFMG, 2001.

SEARLE, John. Uma taxinomia dos atos ilocucionários. In: **Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala**. (Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia). 2 ed. São Paulo : Martins Fontes, 2002. pp. 01-46.

VANDERVEKEN, D. . **Les Actes de Discours**. Belgica: Pierre Mardaga, 1988. v. 1. 226 p.

VAN DIJK, Teun A. Contexto e cognição. In: **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992. pp. 74-98.

[i] Graduanda em Letras na Universidade Federal de Sergipe, é integrante da equipe executora do projeto de pesquisa "Atos de fala veiculados no ENEM 2011: currículo, linguagem e prática docente em foco." (PIBIC/CNPq). E-mail: jaquelinesnascimento@gmail.com

[ii] Doutora em Letras (UFPB), área de concentração em linguística/língua portuguesa, professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, é coordenadora do projeto de pesquisa "Atos de fala veiculados no ENEM 2011: currículo, linguagem e prática docente em foco." (PIBIC/CNPq). E-mail: leilane3108@gmail.com

[iii] Baccalauréat Français.